



Só 9 agressores com pulseiras electrónicas

Violência doméstica. Das 50 disponíveis, apenas 13 foram usadas no projecto-piloto

PATRÍCIA JESUS e FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

Apenas nove das 50 pulseiras electrónicas compradas em Dezembro passado pelo Ministério da Justiça para agressores de violência doméstica estão a ser utilizadas. Este ano já houve 11 mortes por maus tratos – a última, a semana passada, na Marinha Grande.

Desde o início do programa – lançado pela Comissão para a Igualdade de Género e pelo Ministério da Justiça para os distritos de Porto e Coimbra –, esta medida para manter o agressor afastado da vítima foi aplicada apenas em 13 casos. “Resta saber se foi o Ministério Público que não chegou a requerer essa medida de coacção ou se os juizes não a aceitaram”, defende António Martins, presidente da Associação Sindical dos Juizes Portu-

gueses. Desde 2007 que as medidas de coacção passaram a ser propostas sempre pelo Ministério Público e aceites, ou não, pelo juiz de instrução criminal. O juiz desembargador não descarta a hipótese de haver ainda uma “falta de informação e de sensibilidade para esta aplicação”.

Para as associações que trabalham com as vítimas, esta opção deveria ser mais utilizada e não depender do consentimento dos acusados. Até porque, nos casos em que foi utilizada, não houve sequer tentativa de aproximação às vítimas.

Ilda Afonso, da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta), acrescenta ainda que caso não haja consentimento do agressor, “os juizes deviam apresentar a prisão preventiva como alternativa à pulseira”, argumenta. “É uma medida importante para garantir a segurança das vítimas” depois da queixa, já



Polícia recebe, em média, 84 queixas de maus tratos por dia

que muitos agressores ficam mais violentos nessa altura. “Ainda temos uma cultura pouco favorável à utilização da pulseira”, segundo o juiz desembargador Rui Rangel, da Associação de Juizes pela Cidadania, explicou ao DN.

O Ministério da Justiça adquiriu 50 aparelhos para este programa experimental, lançado em Dezem-

bro passado nos distritos de Coimbra e Porto. Um homem de 43 anos, indiciado por dois crimes de violência doméstica, foi o primeiro a ser sujeito a esta medida de coacção, por decisão do Tribunal de Montemor-o-Velho.

Seis meses depois, apesar de eficaz, a medida tem sido pouco utilizada. Até porque a polícia recebe

COMO FUNCIONA?

AVISO

► O aparelho funciona de forma diferente das pulseiras normais porque tem uma tecnologia que permite alertar a vítima sempre que o agressor se aproxima dela.

EM CASA

► Através de uma unidade de monitorização instalada em casa da vítima é detectada a aproximação da pulseira usada pelo agressor. A unidade informa a Direcção-Geral de Reinserção Social (DGRS), que em seguida alerta a vítima e a polícia.

NA RUA

► A vítima é avisada através de um pager, que deve trazer sempre consigo. Assim, não será apanhada de surpresa e pode usar estratégias de defesa que deverá ter preparado com a polícia para enfrentar estas situações.

em média 84 queixas de violência doméstica por dia.

A presidente da Associação de Apoio à Vítima, Joana Marques Vidal, concorda que a medida é muito importante e espera que a sua aplicação se generalize. Por outro lado, defende que o projecto “tem de ser estendido ao resto do País”. Esse é, aliás, o objectivo.